



**AS PROPRIEDADES SINTÁTICAS DO APLICATIVO NA LÍNGUA  
TENETEHÁRA-GUAJAJÁRA (TUPÍ-GUARANÍ)  
THE SYNTACTIC PROPERTIES OF THE APPLICATIVE IN THE  
TENETEHÁRA-GUAJAJÁRA LANGUAGE (TUPÍ-GUARANÍ)**

*Quesler Fagundes Camargos<sup>1</sup>*

**RESUMO**

Este artigo tem por objetivo examinar as estruturas de aplicativos disponíveis na língua Tenetehára-Guajajára (família Tupí-Guaraní). A partir da proposta de Pylkkänen (2002, 2008), assumimos a análise teórica de Vieira (2001, 2010) para o Guarani e o Tupinambá, demonstrando que o prefixo {*eru-*} em Tenetehára-Guajajára introduz um argumento aplicado alto, que estabelece uma relação comitativa com o evento descrito pelo verbo. Além disso, nossa análise se concentra no objeto aplicado, a fim de tentar determinar em que medida os objetos nas sentenças aplicativas apresentam propriedades sintáticas semelhantes aos objetos diretos de um verbo transitivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tupí-Guaraní; Tenetehára-Guajajára; Aplicativo alto; Sintaxe; Morfologia.

**ABSTRACT**

This paper aims at examining the applicative structures available in the Tenetehára-Guajajára language (Tupí-Guaraní family). Based on the Pylkkänen's (2002, 2008) proposal, we will assume Vieira's (2001, 2010) theoretical analysis of the Guarani and Tupinambá applicatives, demonstrating that the prefix {*eru-*} in Tenetehára-Guajajára introduce a high applied argument, which stands in a comitative relation to the event described by the verb. Furthermore, our analysis focus on the applied object, in order to attempt to determine to what extent the objects in applicative sentences show similar syntactic properties as direct objects of a transitive verb.

**KEYWORDS:** Tupí-Guaraní; Tenetehára-Guajajára; High applicative; Syntax; Morphology.

---

1 Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do Departamento de Educação Intercultural da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Membro do Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia (GPEA) e do Laboratório de Línguas e Culturas Indígenas (LALIC). E-mail: [queslerc@gmail.com](mailto:queslerc@gmail.com).

Agradeço aos revisores anônimos da Revista Diadorim pelos comentários e críticas construtivas, que contribuiram para o aprimoramento do artigo. Registro meus mais sinceros agradecimentos ao povo Guajajára por sua parceria e inestimável contribuição com a pesquisa aqui apresentada. Agradecimentos especiais à Cintia Guajajára. Todos os erros que ainda persistem na atual versão do artigo certamente são meus.



## Introdução

De acordo com Peterson (2007), a terminologia “aplicativo” foi utilizada pela primeira vez pelos gramáticos missionários para a descrição de línguas nativas americanas, principalmente das línguas Uto-Astecas. Utilizaram ainda a expressão “verbos aplicativos” para “designar uma forma verbal naquelas línguas que indicam que o verbo foi direcionado para outra pessoa”<sup>2</sup> (PETERSON, 2007, p. 2). Esse fenômeno linguístico pode ser bem ilustrado por meio dos exemplos<sup>3</sup> da língua Tepehuana (Uto-Astecas) abaixo.

(1) a.xiv-añ *jum-’ui’-dy-ica-’* *gu-tatcarui’*  
agora-1sS 2sDO-ir para (PL)-APPLIC TRNSF-FUT ART-galinhas  
“Eu vou trazer as galinhas para você agora” (WILLETT, 1981, p. 68)

b.xiv-añ *jam-bi-idy-ica-’* *gu-tacárui’*  
agora-1sS 2PDO-ir para-APPLIC TRNSF-FUT ART-galinha  
“Eu vou trazer a galinha para vocês agora” (WILLETT, 1981, p. 68)

Em termos descritivos, pode-se afirmar, a respeito dos exemplos acima, que o morfema aplicativo {-ica}, ao juntar-se ao predicado verbal, introduz um argumento aplicado com a propriedade semântica de beneficiário/recipiente. Este argumento pode ser percebido por meio dos prefixos {jum-} e {jam-} que denotam o argumento aplicado em termos de pessoa e número. Peterson (2007) destaca ainda que alguns verbos da língua Tepehuana apresentam uma supleção que varia quanto a número do objeto. Por esta razão, nota-se que o predicado verbal apresenta as formas {-’ui’-} e {-bi-}, quando seu objeto paciente é respectivamente singular e plural.

Desde então, essa terminologia passou a ser utilizada para a descrição das línguas da família Niger-Congo, principalmente do grupo Bantu (KIMENYI, 1980; BAKER, 1988, 1992; MARANTZ, 1993; ALSINA; MCHOMBO, 1993; NGONYANI, 1998; NGUNGA; SIMBINE, 2012; HARRIS, 2015; JERRO, 2016; entre outros) e, mais recentemente, tem sido aplicada a estruturas semelhantes em línguas ao redor do mundo (VIEIRA, 2001, 2006, 2010; TORRES MORAIS, 2006; OYHARÇABAL, 2010; PAUL; WHITMAN, 2010; GEORGALA, 2012; ORO WARAM XIJEIN; APONTES; CAMARGOS, 2018; TIGĂU, 2018; NIE, 2019;

2 “[...] to designate a verbal form in those languages which indicated that the verb was directed towards another person” (PETERSON, 2007, p. 2).

3 Os exemplos originais de Willett (1981, p. 68) podem ser vistos a seguir:

- (i) *xiv-añ jum-’ui’-dy-ica-’ gu-tatcarui’*  
now-1sS 2sDO-go to (PL)-APPLIC TRNSF-FUT ART-chickens  
‘I’ll bring the chickens to you (sg) right now.’
- (ii) *xiv-añ jam-bi-idy-ica-’ gu-tacárui’*  
now-1sS 2PDO-go to-APPLIC TRNSF-FUT ART-chicken  
‘I’ll bring the chicken to you (pl) right now.’

entre outros). Um conceito<sup>4</sup>, em termos tipológico-descritivos, que certamente contempla interlinguisticamente bem esse fenômeno linguístico pode ser visto em Payne (1997, p. 186), segundo o qual corresponde a “uma operação de aumento da valência que coloca um participante periférico no centro do palco, tornando-o um objeto direto. O objeto direto ‘novo’ às vezes é chamado de objeto aplicado”. Nas línguas Bantu, por exemplo, pode-se ilustrar este mecanismo de aumento de valência verbal com os dados<sup>5</sup> abaixo da língua Luganda (PYLKKÄNEN, 2008, p. 20).

(2) a. *Mukasa ya-tambu-dde*

Mukasa 3SG.PST-andar-PST

“Mukasa andou.”

b. *Mukasa ya-tambu-le-dde*                      *Katonga*

Mukasa 3SG.PST-andar-APPL-PST Katonga

“Mukasa andou para/por Katonga.”

Nota-se que um verbo inergativo<sup>6</sup> em Luganda (Bantu), conforme exemplo em (2b), pode licenciar um objeto aplicado por meio da morfologia aplicativa {-le}, o qual apresenta uma interpretação semântica de beneficiário do evento descrito pelo verbo.

Baker (1988) e Marantz (1993), por sua vez, consideram ainda que as construções de objeto duplo da língua inglesa na verdade são estruturas aplicativas, devido a sua aparente semelhança com as estruturas aplicativas das línguas Bantu. Os autores, no entanto, mostram que essas duas construções apresentam propriedades distintas, tais como: apenas as línguas Bantu permitem que um objeto aplicado seja licenciado em verbos intransitivos, como em (2b). Em contrapartida, essa construção paralela em inglês, como em (3b), resulta em construções agramaticais.

4 “[...] a valence increasing operation that brings a peripheral participant onto center stage by making it into a direct object. The ‘new’ direct object is sometimes referred to as the applied object” (PAYNE, 1997, p. 186).

5 Os dados originais de Pylkkänen (2008, p. 20) podem ser vistos abaixo:

(i) *Mukasa ya-tambu-dde*

Mukasa 3SG.PST-walk-PST

“Mukasa walked.”

(ii) *Mukasa ya-tambu-le-dde*                      *Katonga*

Mukasa 3SG.PST-walk-APPL-PST Katonga

“Mukasa walked for Katonga.”

6 Em contrapartida à visão tradicional, os verbos intransitivos subdividem-se em duas classes: os inacusativos e os inergativos. Apesar de apresentarem apenas um argumento, diferenciam-se quanto ao seu estatuto formal. Pode-se afirmar que os verbos inacusativos correspondem àqueles que licenciam um argumento interno com o papel temático de tema ou afetado, ao passo que os inergativos referem-se àqueles que licenciam um argumento externo com a função semântica de agente. Deve-se destacar, no entanto, que esta distinção não é categórica e exhibe diferenças significativas em uma perspectiva comparativista (PERLMUTTER, 1978; BURZIO, 1986; BOBALIJK 1993).

- (3) a. I am running.  
b. \*I am running *John*.  
c. I am running for *John*.

Marantz (1993), Harley (2002), Pylkkänen (2002, 2008), entre muitos outros, contudo, consideram que sentenças como (4b) em inglês correspondem a construções aplicativas, uma vez que o verbo *write* “escrever” possui dois objetos, *Sam*, o recipiente, e *a letter* “uma carta”.

- (4) a. Mary wrote a letter.  
b. Mary wrote *Sam* a letter.  
c. Mary wrote a letter to *Sam*.

No âmbito das línguas indígenas brasileiras, Vieira (2001) foi a primeira a identificar estruturas aplicativas na família linguística Tupí-Guaraní. A autora demonstra que o prefixo  $\{(e)ro-\}$ , morfema denominado como causativo-comitativo na literatura descritiva de línguas indígenas brasileiras (RODRIGUES, 1953; JENSEN, 1984; SEKI, 2000; CARDOSO, 2008; HARRISON; HARRISON, 2013; LOPES, 2015; CARVALHO; GUAJAJÁRA, 2018; entre outros), é, na verdade, a realização morfológica do núcleo aplicativo alto – conforme tipologia proposta por Pylkkänen (2002, 2008). Como pode ser visto nos exemplos abaixo da língua Guarani (VIEIRA, 2010a, p. 152), o prefixo  $\{(e)ro-\}$  de fato é o expediente morfológico responsável pelo licenciamento do objeto aplicado com função semântica de comitativo.

- (5) a. *ava o-ke*  
homem 3-dormir  
“O homem dormiu”  
b. *ava o-ke mitã reve*  
homem 3-dormir criança com  
“O homem dormiu com a criança”  
c. *ava o(gwe)-ro-ke mitã*  
homem 3-APPL-dormir criança  
“O homem dormiu (com) a criança”

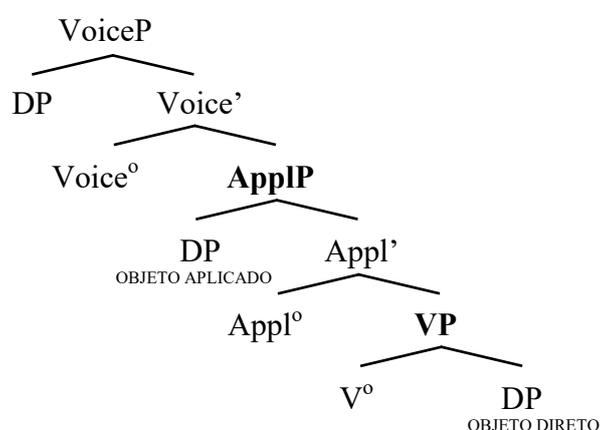
Vieira (2001) afirma que o objeto *mitã* “criança” é um argumento aplicado alto introduzido pelo núcleo aplicativo, que em Guarani é instanciado pelo prefixo  $\{ero-\}$ . Pode-se verificar que este comportamento morfossintático é análogo ao que ocorre em Tepehuana, Luganda, entre muitas outras línguas: um objeto é introduzido na estrutura verbal por meio da adição de morfologia no predicado verbal.

Diante dessas considerações iniciais, este artigo tem por objetivo examinar as estruturas aplicativas na língua Tenetehára-Guajajára (família Tupí-Guaraní), na qual, em termos descritivos, o morfema aplicativo  $\{eru-\}$ , ao juntar-se a verbos intransitivos, licencia um argumento aplicado com a propriedade semântica de comitativo na função sintática de objeto. Dessa forma, verbos intransitivos tornam-se transitivos.

## Quadro teórico

Foi Marantz (1993) um dos primeiros trabalhos em que se estipulou a existência de um núcleo responsável pela introdução de um objeto aplicado, o qual foi denominado pelo autor como Appl. Este núcleo foi assumido como um verbo leve<sup>7</sup>, em oposição ao verbo lexical que introduz o objeto direto. A partir de então, Pyllkkänen (2002, 2008) expande a proposta de Marantz (1993) ao propor, em termos tipológicos, a existência de dois tipos de núcleos aplicativos, a saber: o aplicativo alto e o aplicativo baixo. O núcleo aplicativo alto denota uma relação de um objeto aplicado com o evento descrito pelo verbo. Logo, esse argumento aplicado deve se combinar sintaticamente com um VP, conforme o diagrama a seguir:

### (6) Aplicativo Alto



A consequência direta da estrutura em (6) é que esse aplicativo pode se juntar a verbos intransitivos e transitivos. Além do mais, em termos semânticos, um núcleo aplicativo alto, conforme Pyllkkänen (2002, 2008), introduz um argumento com interpretações semânticas variadas, entre elas: beneficiário, comitativo, locativo, fonte e instrumento, por exemplo. A língua Paumari, conforme Vieira (2006, p. 128-129), ilustra bem esse tipo de construção, conforme os exemplos abaixo.

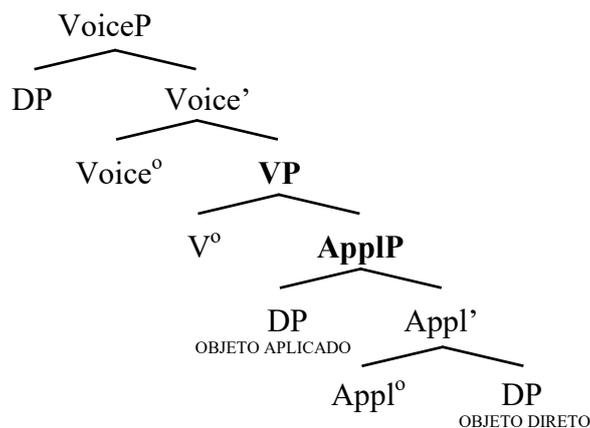
- (7) a. *o-ka-asara-há*                      *ada*              *isai*  
 1SG-APPL-chorar-modo              DEMS/MASC      criança  
 “Eu chorei pelo menino”
- b. *ho-ra ka-ihamahi-há*                      *ada*              *isai*  
 me-OBJ APPL-zangado-modo      DEMS/MASC      criança  
 “O menino estava zangado comigo”
- c. *o-va-adaraha-há*              *ada*              *asai*  
 1SG-APPL-viajar-modo      DEMS/MASC      criança  
 “Eu viajei com a criança”

<sup>7</sup> O verbo leve pode ser definido, de modo geral, como um verbo semanticamente vazio que se associa a propriedades essencialmente gramaticais (JESPERSEN, 1949; CAMPBELL, 1989). Em Marantz (1993), o núcleo aplicativo responsável pela introdução do argumento aplicado, Appl, é analisado como um verbo leve.

- d. *Gisi-a bi-va-bana-ki ida Porto Velho*  
 Gisi-ERG 3SG-APPL-sofre-modo DEMS/FEM Porto Velho  
 Gisi sofreu em Porto Velho”

Já o aplicativo baixo, segundo Pylkkänen (2002, 2008), denota uma relação de transferência de posse entre o objeto aplicado e o objeto direto. A consequência imediata é que um núcleo aplicativo baixo não possui a propriedade de se juntar a verbos intransitivos, mas se unirá apenas a verbos transitivos, uma vez que exibem objeto direto. Além disso, o aplicativo baixo é projetado abaixo do VP, ocupando a posição de complemento, conforme a estrutura configuracional apresentada a seguir:

(8) Aplicativo Baixo



Em síntese, com base na tipologia acima acerca dos núcleos aplicativos, Pylkkänen (2002, p. 23) estipula duas predições nucleares<sup>8</sup> capazes de distinguir e demonstrar a natureza do núcleo aplicativo, a saber:

(9) Diagnóstico 1: Restrições de transitividade

Somente aplicativos altos devem ser capazes de se combinar com inergativos. Já que aplicativos baixos denotam uma relação entre um objeto direto e um objeto indireto, eles não podem figurar em uma estrutura que não tenha objeto direto.

(10) Diagnóstico 2: Semântica do verbo

Pelo fato de aplicativos baixos não implicarem em transferência de posse, eles não fazem

<sup>8</sup> De acordo com Pylkkänen (2008, p. 18-19):

(i) Diagnostic 1: Transitivity restrictions

Only high applicative heads should be able to combine with unergatives. Since low applicative heads denote a relation between the direct object and the indirect object, a low applicative head cannot appear in a structure that lacks a direct object.

(ii) Diagnostic 2: Verb semantics

Since low applicatives imply a transfer of possession, they are nonsensical with verbs that are completely static: for example, an event of holding a bag does not plausibly result in the bag's ending up in someone's possession. High applicatives, on the other hand, should have no problem combining with verbs such as hold: it is perfectly plausible that someone would benefit from a bag-holding event.

sentido com verbos que são completamente estáticos: por exemplo, o evento de segurar uma sacola não resulta como estado final a posse dessa sacola por alguém. Aplicativos altos, por outro lado, devem não ter nenhuma dificuldade em se combinar com verbos tais como segurar: é perfeitamente plausível que alguém seja beneficiário do evento segurar uma sacola.

Na próxima seção, serão apresentados alguns dados que envolvem as estruturas aplicativas em línguas da família Tupí-Guaraní e será discutido o tratamento teórico dado a estas construções por Vieira (2001, 2010).

### Aplicativo alto nas línguas Tupí-Guaraní

De acordo com Vieira (2001, 2010), o prefixo  $\{(e)ro-\}$  é, na verdade, a realização morfológica do núcleo aplicativo alto, o qual licencia um objeto aplicado com propriedades semânticas de comitativo. Como pode ser visto nos exemplos abaixo da língua Guarani (VIEIRA, 2010, p. 152-153), de fato parecer ser essa a função gramatical desse prefixo verbal.

- (11) a. *xee a-po*  
 eu 1sg-pular  
 “Eu pulei”
- b. *xee a-po mitã reve*  
 eu 1sg-pular criança com  
 “Eu pulei com a criança”
- c. *xee a-ro-po mitã*  
 eu 1sg-APPL-pular criança  
 “Eu pulei (com) a criança”

Nota-se que o argumento *mitã* “criança” introduzido em (11b) por meio do sintagma posposicional *reve* “com” se torna um objeto aplicado em (11c) mediante a afixação do morfema  $\{(e)ro-\}$  na raiz verbal. Dessa maneira, o objeto *mitã* “criança” é licenciado ora pela posposição *reve* “com”, ora pelo morfema aplicativo  $\{(e)ro-\}$ .

A partir de dados como (11b), Vieira (2001, 2010) propõe que o morfema  $\{(e)ro-\}$  em Guarani, assim como possivelmente nas demais línguas da família Tupí-Guaraní, de fato, é a instanciação do núcleo da projeção de aplicativo alto com base em dois fatos empíricos, a saber: (i) sintaticamente o morfema  $\{(e)ro-\}$  afixa-se a verbos monovalentes e (ii) semanticamente o argumento introduzido por  $\{(e)ro-\}$  não estabelece qualquer relação de transferência de posse. Esses dois argumentos associados ao fato de que esse morfema introduz um objeto à estrutura verbal sustentam a proposta de Vieira (2001, 2010).

Veja abaixo os exemplos da língua Tupinambá, também apresentados por Vieira (2010, p. 153), que empiricamente corroboram a proposta da autora, uma vez que o morfema  $\{(e)ro-\}$  introduz um objeto com a função semântica de comitativo também nessa língua da família Tupí-Guaraní.

- (12) a. *a-ro-pytá*      *ygara*  
1SG-APPL-ficar canoa  
“Eu parei com a canoa” (BARBOSA, 1956, p. 196)
- b. *a-ro-ker*      *aoba*  
1SG-APPL-dormir roupa  
“Eu durmo com a roupa” (BARBOSA, 1956, p. 199)

Viera (2010) ainda afirma que o aplicativo alto  $\{(e)ro-\}$  só pode se afixar a verbos inacusativos ou inergativos. Por esse motivo, para que esse morfema ocorra com um verbo transitivo, é necessário que seja primeiramente intransitivizado, por meio, por exemplo, da incorporação nominal, conforme os dados do Tupinambá abaixo (VIEIRA, 2010a, p. 153).

- (13) a. *ere-î-epîak*      *ybák*  
2SG-3-ver céu  
“Você viu o céu?” (BARBOSA, 1956, p. 199)
- b. *ere-ro-ybák-epîak-pe*      *mitanga*  
2SG-APPL-céu-ver-INTER criança  
“Você viu o céu com a criança?” (BARBOSA, 1956, p. 199)

Pode-se notar que, no exemplo (13a), há um verbo transitivo que licencia dois argumentos nucleares. No exemplo (13b), quando o verbo transitivo tem seu objeto incorporado, tornando-se, assim, intransitivo, o novo predicado é capaz de receber o morfema aplicativo  $\{(e)ro-\}$ , cuja função é a de introduzir o objeto aplicado *mitanga* “criança”.

Na próxima seção, serão examinadas as estruturas aplicativas na língua Tenetehára-Guajajára, a partir da tipologia proposta por Pylkkänen (2002, 2008) e da análise teórica de Vieira (2001, 2010).

### Construções aplicativas em Tenetehára-Guajajára

A língua Tenetehára-Guajajára também instancia fonologicamente o núcleo da projeção de aplicativo alto por meio do morfema  $\{eru-\}$ . Em termos descritivos, conforme exemplos abaixo, essa morfologia aplicativa, quando é afixada a verbos intransitivos (inergativos e inacusativos), introduz um objeto com as propriedades semânticas de comitativo, semelhantemente ao que ocorre em Guarani e Tupinambá (VIEIRA, 2001, 2010).

- (14) a. *u-'ar*      *kuzà*      *a'e<sup>9</sup>*  
3-cair      mulher 3  
“A mulher caiu”

---

9 Em Tenetehára-Guajajára é muito comum a realização de pronomes pessoais ao final de sentenças. Descritivamente estes pronomes codificam os traços de pessoa e número do sujeito dos predicados transitivos e intransitivos. Em termos formais, em Camargos (2017b), propusemos que estes pronomes são a instanciação dos traços- $\phi$  no domínio de C/TP, uma vez que no final das sentenças em Tenetehára-Guajajára realizam-se uma série de partículas de modalidade e evidencialidade. Para mais detalhes acerca da periferia direita da sentença nesta língua, direcionamos o leitor aos trabalhos de Camargos, Castro e Tescari-Neto (2018, 2019).

- b. *w-eru-'ar*      *kuzà*      *kwarer*      *a'e*  
 3-APPL-cair      mulher      menino      3  
 “A mulher caiu com o menino”

- (15) a. *u-zàn*      *awa*      *a'e*  
 3-correr      homem      3  
 “O homem correu”

- b. *w-eru-zàn*      *awa*      *takihe*      *a'e*  
 3-APPL-correr      homem      faca      3  
 “O homem correu com a faca”

Além de apresentar a forma {*eru-*}, Carvalho e Guajajára (2018), que analisam essas construções como causativa-comitativas, revelam a existência de nove alomorfes na língua Tenetehára-Guajajára, a saber: *eru-*, *ru-*, *enu-*, *era-*, *ra-*, *er-*, *r-*, *wera-*, *weru-*. Em nossa pesquisa, identificamos ainda uma décima variação alomórfica, a saber *nu-*. Para fins ilustrativos, listamos a seguir um exemplo para cada uma dessas variações.

- (16) *kuzà*      *w-eru-ata*      *u-memyr*      *a'e*  
 mulher      3-CC-andar      3-filho(a)      esse  
 “A mulher anda levando seu filho.” (CARVALHO; GUAJAJÁRA, 2018, p. 338)

- (17) *a-ru-itfe*      *amo*      *teko*      *uken-pe*  
 1-CC-entrar      uma      pessoa      porta-LOC  
 “Eu fiz entrar uma pessoa na porta (pela)” (CARVALHO; GUAJAJÁRA, 2018, p. 339)

- (18) *w-enu-hem*      *h-era-ha*  
 3-CC-sair      R2-CC-ir  
 “Ele o/a fez sair e o/a levou consigo” (CARVALHO; GUAJAJÁRA, 2018, p. 342)

- (19) *w-era-ha-paw*  
 3-CC-ir-COMPL  
 “Ele leva/levou tudo” (CARVALHO; GUAJAJÁRA, 2018, p. 343)

- (20) *a-ra-ha*      *maper*  
 1-CC-ir      papel  
 “Eu levei papel” (CARVALHO; GUAJAJÁRA, 2018, p. 343)

- (21) *w-er-ur*      *tapi'ak*      *i-àkàg-wer*      *i-monohok-pyr-er*      *i-zupe*      *wà*  
 3-APPL-ir      gado      3-cabeça-PST      3-cortar-NML-PST      3-para      PL  
 “Trouxeram-lhe a cabeça do gado que tinha sido cortada”  
 (HARRISON; HARRISON, 2013, p. 47)

- (22) *a-r-ur*  
 1-CC-ir  
 “Eu o trago” (HARRISON; HARRISON, 2013, p. 366)

- (23) *he*      Ø-*wera-ha*  
 1      R1-CC-ir  
 “Levaram-me consigo” (CARVALHO; GUAJAJÁRA, 2018, p. 340)

(24) *a-wer-uak*

1-CC-virar

“Eu o/a faço virar-se comigo” (CARVALHO; GUAJAJÁRA, 2018, p. 341)

(25) *a-nu-hem i-riru er-eha kwej*

1-C.COM-ir R2-pote C.COM-ir RLZ

“Eu saí com o pote” (SILVA, 2010, p. 681)

Deve-se destacar que, além de Carvalho e Guajajára (2018), o prefixo {*eru-*} já foi anteriormente analisado nos trabalhos de Duarte (1997, 2003, 2007), Silva (2010), Harrison e Harrison (2013), Castro (2013) e Camargos (2013, 2017a). Portanto, a partir do que já foi investigado nestes trabalhos e para além deles, serão discutidas nas próximas subseções algumas propriedades sintáticas e semânticas envolvidas nas construções aplicativos nessa língua. Começamos com as propriedades sintáticas.

### Propriedades sintáticas

Como foi mostrado até agora, construções aplicativos com verbos intransitivos são altamente produtivas na língua. Contudo, à semelhança do que ocorre em Guarani e Tupinambá (VIEIRA, 2001, 2010), os verbos transitivos em Tenetehára-Guajajára, quando são intransitivizados por meio do prefixo reflexivo {*ze-*}, também podem acionar o morfema aplicativo {*eru-*}, conforme exemplos abaixo.

(26) a. *u-pirawa kwarer a'e*

3-levantar homem menino 3

“O homem levantou o menino”

b. *u-ze-upir awa a'e*

3-REFL-levantar homem 3

“O homem se levantou”

c. *w-eru-ze-upir awa kwarer a'e*

3-APPL-REFL-levantar homem menino 3

“O homem se levantou com o menino”

(27) a. *w-exak awa kwarer a'e*

3-ver homem menino 3

“O homem viu o menino”

b. *u-ze-exak awa a'e*

3-REFL-ver homem 3

“O homem se viu (no espelho)”

c. *w-eru-ze-exak awa kwarer a'e*

3-APPL-REFL-ver homem menino 3

“O homem se viu (no espelho) com o menino”

Pode-se afirmar que, nos exemplos acima, há os verbos transitivos *pir* “levantar” e *exak* “ver”, os quais são intransitivizados por meio do prefixo reflexivo {*ze-*}. Esse novo predicado

reflexivo é capaz de receber o morfema aplicativo alto {*eru-*}, cuja função é a de licenciar o objeto aplicado *kwarer* “menino”.

O processo de incorporação nominal em Tenetehára-Guajajára, já investigado anteriormente por Castro (2007, 2013, 2017), Duarte e Castro (2010) e Silva (2010), também serve como expediente para o processo de aplicativização. Pode-se observar nos exemplos abaixo que verbos transitivos, quando tem seu objeto incorporado, tornam-se formalmente verbos intransitivos e, assim, podem receber o morfema aplicativo {*eru-*}.

- (28) a. *u-'u kuzà ma'e a'e*  
 3-comer mulher coisa 3  
 “A mulher comeu alguma coisa”
- b. *u-mai-'u kuzà a'e*  
 3-coisa-comer mulher 3  
 “A mulher comeu (alguma coisa)”
- c. *w-eru-mai-'u kuzà kwarer a'e*  
 3-APPL-coisa-comer mulher menino 3  
 “A mulher comeu (alguma coisa) com o menino”
- (29) a. *u-pyhyk awa pira a'e*  
 3-pegar homem peixe 3  
 “O homem pegou/segurou o peixe”
- b. *u-pira-pyhyk awa a'e*  
 3-peixe-pegar homem 3  
 “O homem pescou”
- c. *w-eru-pira-pyhyk kuzà kwarer a'e*  
 3-APPL-peixe-pegar homem menino 3  
 “O homem pescou com o menino”

Nos exemplos acima, quando os verbos transitivos têm seu objeto incorporado, tornam-se formalmente um predicado intransitivo. Esse novo predicado, ao receber o morfema aplicativo alto {*eru-*}, licencia um novo argumento, objeto aplicado, na estrutura argumental.

De modo geral, o morfema aplicativo {*eru-*} em Tenetehára-Guajajára, assim como no Guarani e no Tupinambá (VIEIRA, 2001, 2010) e possivelmente nas demais línguas Tupi-Guaraní, apresenta propriedades derivacionais de um núcleo aplicativo alto, uma vez que, em termos sintáticos, afixa-se a verbos monovalentes, sejam eles derivados ou não. Ademais, o objeto aplicado se relaciona ao evento descrito pelo verbo com a função semântica de comitativo. Na próxima seção, discutiremos alguns aspectos semânticos envolvidos no processo de aplicativização em Tenetehára-Guajajára.

## Propriedades semânticas

Na língua Kamaiurá (Tupí-Guaraní), Seki (2000) trata o prefixo {*ero-*}, que apresenta os alomorfes {*ero-* ~ *era-* ~ *ra-* ~ *er-* ~ *r-*}, como causativo-comitativo, acompanhando Rodrigues (1953). Ao compará-lo com o causativo simples, realizado pelo prefixo causativo {*mo-*}, afirma que “no causativo comitativo o Causer [causador] é também de algum modo afetado pela ação que afeta o objeto direto” (SEKI, 2000, p. 291). Essa descrição vai ao encontro do tratamento dado por ela e por Rodrigues (1953) do prefixo {*ero-*} como causativo-comitativo. Seki (2000, p. 291) ilustra esta comparação com os exemplos abaixo da língua Kamaiurá.

- (30) a. *kunu'um-a o-jan jawar-a pojy-a wi*  
menino-N 3-correr onça-N perigo-N ABL  
“O menino correu do perigo da onça”
- b. *kunu'um-a o-mo-jan jawar-a pojy-a wi*  
menino-N 3-CAUS-correr onça-N perigo-N ABL  
“Ele fez o menino correr do perigo da onça”
- c. *kunu'um-a w-ero-jan jawar-a pojy-a wi*  
menino-N 3-CC-correr onça-N perigo-N ABL  
“Ele fez o menino correr com ele do perigo da onça”

Pode-se afirmar que, conforme Seki (2000), o argumento causador em (30b) atua de forma a fazer com que o menino corra de forma independente. Contudo, no exemplo (30c), “ao fazer o menino correr, o Causer [causador] correu com ele” (SEKI, 2000, p. 291). A autora destaca, por fim, que, de todos os exemplos de que disponha, o argumento causador exibia a propriedade [+humano].

Embora Seki (2000) não apresente qualquer tipo restrição semântica dos argumentos verbais licenciados em construções aplicativos, deve-se destacar que aparentemente não há, ao menos em Tenetehára-Guajajára, qualquer tipo de restrição semântica quanto à propriedade de animacidade, por exemplo. Apresentamos abaixo exemplos em que o sujeito de predicados transitivos aplicados apresenta os traços semânticos [+humano], [+animado] e [-animado], respectivamente.

- (31) *w-eru-zahak kuzà u-memyr a'e*  
3-APPL-banhar mulher 3CORR-filho 3  
“A mulher tomou banho com seu filho”
- (32) *w-er-ur ka'i pihun u-memyr a'e*  
3-APPL-vir macaco preto 3CORR-filho 3  
“O macaco veio com seu filhote”
- (33) *'y zane=r-era-ha mo muito a'e*  
água 1PL.INCL=C-APPL-ir COND longe 3  
“As águas nos teriam levado para longe” (HARRISON; HARRISON, 2013, p. 112)

O morfema aplicativo também parece não impor qualquer tipo de restrição semântica ao argumento aplicado que licencia. A seguir, são apresentados exemplos de objetos aplicados que também apresentam as propriedades semânticas [+humano], [+animado] e [-animado], respectivamente.

(34) *kuzà w-eru-ata u-memyr a'e*  
mulher 3-APPL-andar 3CORR-filho 3  
“A mulher anda levando seu filho” (HARRISON; HARRISON, 2013, p. 209)

(35) *kwarer-a'i w-eru-zewyr ka'i a'e*  
menino-DIM 3-APPL-voltar macaco 3  
“O menino voltou trazendo o macaco” (HARRISON; HARRISON, 2013, p. 213)

(36) *w-er-eko ywyrapar o-po pe*  
3-APPL-estar arco 3CORR-mão em  
“Ele teve um arco na mão” (HARRISON; HARRISON, 2013, p. 2012)

Em Tenetehára-Guajajára, a coocorrência de sujeito e objeto aplicado em um mesmo evento verbal com a propriedade semântica [-animado] também é possível, como ilustra o exemplo abaixo:

(37) *ywytu w-era-ha ka'a-kyr u-xinig-ma'e multe a'e*  
vento 3-APPL-ir mato-macio 3-secar-NML longe 3  
“O vento levou a palha para longe.” (HARRISON; HARRISON, 2013, p. 209)

Quanto às classes semânticas dos verbos em Tenetehára-Guajajára, as construções com o morfema aplicativo {*eru-*} parecem também ser muito produtivas, de forma que este morfema aplicativo se junta a predicados de movimento, de ação (inergativos e inacusativos), psicológicos, perceptivos e estáticos.

#### Verbo de movimento

(38) *w-eru-ixe kuzà u-memyr t-àpuz me a'e*  
3-APPL-entrar mulher 3CORR-filho 3G-casa em 3  
“A mulher entrou com seu filho na casa”

#### Verbo de ação (inergativo)

(39) *a-eru-apyk kwarer a'e*  
1SG-APPL-sentar menino 1SG  
“Eu me sentei com o menino”

#### Verbo de ação (inacusativo)

(40) *w-eru-'ar kuzà kwarer a'e*  
3-APPL-cair mulher menino 3  
“A mulher caiu com o menino”

Verbo psicológico

- (41) *t-uwihaw w-eru-ze'eg-atu w-emi-aihu wà*  
3G-chefe 3-APPL-falar-INTS 3CORR-NML-amar PL  
“O chefe aconselha bem o seu povo (aqueles que são amados)”

(HARRISON; HARRISON, 2013, p. 213)

Verbo de percepção

- (42) *w-eru-ze-exak kuzà u-memyr a'e*  
3-APPL-REFL-ver homem 3CORR-filho 3  
“A mulher se viu (no espelho) com o filho”

Verbo estático

- (43) *kwaharer paw w-er-eko takihe wà*  
menino todos 3-APPL-estar faca PL  
“Todos os meninos têm facas” (HARRISON; HARRISON, 2013, p. 212)  
(Lit.: Todos os meninos estão com facas)

Na próxima seção, será apresentado o comportamento do objeto aplicado diante dos demais processos sintáticos da língua Tenetehára-Guajajára, a fim de demonstrar que apresenta o mesmo estatuto gramatical dos objetos diretos.

### **Propriedades gramaticais dos objetos aplicados em Tenetehára-Guajajára**

Nesta seção, serão apresentadas evidências empíricas de que o objeto aplicado em Tenetehára-Guajajára exibe o mesmo comportamento sintático dos demais objetos diretos. Para isso, predicados transitivos aplicados e não aplicados serão submetidos a processos sintáticos que envolvem mudança do estatuto gramatical de seus objetos diretos e aplicados, a fim de contrastá-los. Assumiremos que estes objetos, do ponto de vista sintático, são formalmente idênticos, exceto pelo fato de serem licenciados na estrutura por núcleos distintos.

A primeira evidência se sustenta no sistema de concordância verbal da língua Tenetehára-Guajajára. De acordo com Duarte (1997, 2003, 2007), Castro (2007, 2017), Silva (2010) e Camargos (2013, 2017ab), as funções sintáticas de sujeito e de objeto são primordialmente codificadas por meio de dois grupos de marcadores pessoais que codificam estas funções sintáticas centrais. No Quadro 1, são apresentados os marcadores de pessoa que correferenciam o sujeito (paradigma 1) e o objeto (paradigma 2) de verbos transitivos na língua Tenetehára-Guajajára.

Quadro 1 – Primeiro e segundo paradigmas de concordância

Traços de pessoa e número	Paradigma 1 (argumento externo)	Paradigma 2 (argumento interno)
1SG	<i>a-</i>	<i>he=</i>
1PL.EXCL	<i>uru- ~ oro-</i>	<i>ure=</i>
1PL.INCL	<i>xi-</i>	<i>zane=</i>
2SG	<i>ere-</i>	<i>ne=</i>
2PL	<i>pe-</i>	<i>pe=</i>
3	<i>u- ~ o- ~ w-</i>	<i>i- ~ h-</i>

Fonte: Camargos, Castro e Tescari-Neto (2019, p. 830)

A escolha de um dos paradigmas apresentados no Quadro 1 ocorre tendo em vista a sensibilidade à hierarquia de pessoa, formalizada em (44), em que o verbo aciona a série de prefixos do paradigma 1 quando o sujeito é mais alto do que o objeto nessa hierarquia. Por sua vez, quando o objeto é mais alto na hierarquia de pessoa, o verbo engatilha os marcadores pronominais do paradigma 2.

(44) 1ª pessoa > 2ª pessoa > 3ª pessoa<sub>+FOC</sub> > 3ª pessoa<sub>-FOC</sub>

(leia-se > como ‘mais proeminente que’)

A realização do paradigma 1 pode ser vista nos dois exemplos abaixo, em que o sujeito dos verbos transitivos, sem morfologia aplicativa (45) e com morfologia aplicativa (46), acionam a mesma morfologia de concordância verbal.

(45) *a-exak kwarer ihe*  
1SG-ver menino 1SG  
“Eu vi o menino”

(46) *a-eru-apyk kwarer ihe*  
1SG-APPL-sentar menino 1SG  
“Eu sentei com o menino”

Por sua vez, como os objetos aplicados em Tenetehára-Guajajára apresentam o mesmo comportamento morfossintático dos objetos diretos, como é aventado neste artigo, os dois verbos nos exemplos abaixo acionam o mesmo marcador pronominal, do paradigma 2, a fim de correferenciar o objeto direto em (47) e o objeto aplicado em (48).

(47) *he=r-exak kwarer a'e*  
1SG=C-ver menino 3  
“O menino me viu”

- (48) *he=r-eru-apyk kwarer a'e*  
 1SG=C-APPL-sentar menino 3  
 “O menino (se) sentou comigo”

Ao comparar os exemplos (47) e (48), pode-se notar, assim, que os objetos diretos e aplicados exibem a mesma estratégia morfossintática quanto à realização dos marcadores pronominais na língua Tenetehára-Guajajára, o que demonstra que estes dois argumentos apresentam o mesmo comportamento gramatical.

A segunda evidência do paralelismo entre objetos diretos e aplicados origina-se do fato de que estes dois argumentos estão aptos a participar do processo de incorporação nominal. Note nos exemplos abaixo que os objetos diretos e aplicados podem, por um lado, participar do processo de alçamento de possuidor<sup>10</sup>, como (49) e (50) e, por outro, podem se incorporar ao verbo, como (51) e (52).

#### Alçamento de possuidor

- (49) *u-py-exak awa kwarer a'e*  
 3-pé-ver homem menino 3  
 “O homem viu o pé do menino”
- (50) *u-py-eru-wak awa zapepo a'e*  
 3-pé-APPL-virar homem panela 3  
 “O homem emborcou a panela”

#### Incorporação de objeto

- (51) *u-mai-'u awa a'e*  
 3-coisa-comer homem 3  
 “O homem comeu alguma coisa”
- (52) *u-mai-eru-eko awa a'e*  
 3-coisa-APPL-estar homem 3  
 “O homem trabalha” (Lit.: O homem está com alguma coisa)

A terceira evidência que demonstra o compartilhamento de propriedades entre objetos

10 De acordo com Castro (2013, 2017), o fenômeno linguístico denominado como “alçamento de possuidor” corresponde ao processo no qual um verbo transitivo que tem como objeto direto um sintagma genitivo permite a incorporação do nome possuído. Neste contexto, o possuidor, em termos sintáticos, passa a exercer a função de objeto, razão pela qual é tratado como alçamento de possuidor. No trabalho de Baker (1988), este mesmo fenômeno linguístico é analisado como *possessor stranding*. Para fins ilustrativos, note o par de exemplos abaixo, em que em (i) temos o objeto direto *umemyr opo* “mão do filho dela” e em (ii) o nome possuído *-po* “mão” incorpora-se no predicado verbal e o possuidor *kwarer* “menino” passa a exercer a função sintática de objeto direto, razão pela qual se diz que o possuidor alçou-se à função de objeto (cf. CASTRO, 2013, 2017) ou também afirma-se que o possuidor ficou órgão ou encalhado (*stranded*, cf. BAKER, 1988).

- (i) *u-pyhyk kuzà u-memyr o-po a'e*  
 3-segurar mulher 3-filho 3CORR-mão 3  
 “A mulher segurou a mão do seu filho”
- (ii) *o-po-pyhyk kuzà u-memyr [ ] a'e*  
 3-mão-segurar mulher 3CORR-filho 3  
 “A mulher segurou a mão do seu filho”

diretos e aplicados fundamenta-se no fato de que estes dois argumentos podem exercer a função de sujeito em contexto de estruturas reflexivas/recíprocas. Pode-se afirmar que tanto os verbos transitivos simples quanto os verbos transitivos com morfologia aplicativa podem ser intransitivizados por meio desse processo, de forma que os objetos diretos e aplicados passam a exercer a função sintática de sujeito.

(53) *u-ze-exak Tentehar a'e wà*  
 3-REFL-ver Tenetehára 3 PL  
 “Os Tenetehára-Guajajára se viram”

(54) *u-ze-eru-eko Tentehar a'e wà*  
 3-REFL-APPL-estar Tenetehára 3 PL  
 “Os Tenetehára-Guajajára se casaram”

A quarta evidência decorre do processo de nominalização de agente, que em Tenetehára-Guajajára realiza-se por meio do morfema {-har} (SILVA, 2010; CAMARGOS; CASTRO, 2013; CAMARGOS, 2016). Em termos descritivos, este sufixo tem como função nominalizar verbos transitivos, a fim de introduzir uma semântica agentiva referente ao evento descrito pelo verbo, como em (55). A adição desse morfema a verbos intransitivos, por outro lado, resulta em estruturas agramaticais em Tenetehára-Guajajára, conforme exemplos em (56).

#### Verbos transitivos

(55) <i>i-poz-har</i>	3-alimentar-NML	“aquele que alimenta (algum animal)”
<i>i-kixi-har</i>	3-cortar-NML	“aquele que corta (algo)”
<i>h-exak-(h)ar</i>	3-ver-NML	“aquele que vê (alguém ou algo)”

#### Verbos intransitivos

(56) <i>*i-puka-har</i>	3-rir-NML	“aquele que ri”
<i>*h-ata-har</i>	3-andar-NML	“aquele que anda”
<i>*i-màno-har</i>	3-morrer-NML	“aquele que morre”

Assim como ocorre com os verbos transitivos simples, a nominalização de agente {-har} também se realiza com verbos transitivos aplicados. Neste contexto, os objetos diretos e aplicados podem se realizar à esquerda do verbo nominalizado, sendo referenciados por este por meio dos marcadores pronominais descritos no paradigma 2, conforme exemplos abaixo:

(57) *u-hem zàwàruhu i-zuka-har a'e*  
 3-chegar onça 3-matar-NOML 3  
 “O matador de onça chegou.” (Lit.: Chegou aquele que mata onça)

(58) *u-hem kàmiàw h-eru-wata-har a'e*  
 3-chegar carro 3-APPL-andar-NML 3  
 “O motorista de carro chegou.” (Lit.: Chegou aquele que anda com o carro)

A quinta evidência, por sua vez, se sustenta a partir do processo de nominalização de

objeto, que se realiza por meio do morfema {emi-} (SILVA, 2010; CAMARGOS; CASTRO, 2013). É imprescindível compreender que esse nominalizador tem como função nominalizar verbos transitivos, a fim de denotar a entidade correspondente ao seu objeto, conforme exemplos em (59). A adição desse morfema a verbos intransitivos, no entanto, resulta em sentenças agramaticais em Tenetehára-Guajajára, conforme (60).

Verbos transitivos

(59) <i>h-emi-tym</i>	3-NML-plantar	“aquilo que ele(a) planta”
<i>h-emi-(e)nu</i>	3-NML-ouvir	“aquilo que ele(a) ouve”
<i>h-emi-kutuk</i>	3-NML-furar	“aquilo que ele(a) fura”

Verbos intransitivos

(60) * <i>h-emi-puka</i>	3-riir-NML	“aquele que ri”
* <i>h-emi-ata</i>	3-andar-NML	“aquele que anda”
* <i>h-emi-màno</i>	3-morrer-NML	“aquele que morre”

Deve-se afirmar que verbos transitivos simples e aplicados são passíveis de serem nominalizados por meio do morfema {emi-}, a fim de denotar o objeto do predicado verbal. Neste contexto, os argumentos agentes realizam-se à esquerda do verbo nominalizado na função sintática de complemento nominal. O predicado nominalizado, por sua vez, passa a denotar o argumento na função sintática de objeto, conforme exemplos abaixo:

(61) <i>u-hem</i>	<b>he=r-emi-pytywá-kwer</b>	<i>a'e</i>
3-chegar	1SG=C-NML-ajudar-PST	3
“Chegou aquele(a) que eu ajudei.”		

(62) <i>u-hem</i>	<b>he=r-emi-era-ha-kwer</b>	<i>a'e</i>
3-chegar	1SG=C-NML-APPL-ir-PST	3
“Chegou aquele(a) com quem eu fui.”		

De modo geral, as duas últimas evidências estão diretamente relacionadas, uma vez que decorrem de construções nominalizadas em Tenetehára-Guajajára. Como vimos, os morfemas nominalizadores {-har} e {emi-} são exclusivos de verbos transitivos. Assim, os objetos, sejam diretos ou aplicados, passam a exercer, quando a nominalização é de agente {-har}, a função sintática de complemento nominal, engatilhando no predicado verbal nominalizado a série de marcadores pronominais do paradigma 2. Por sua vez, na nominalização de objeto {emi-}, este, seja direto ou aplicado, passa a ser denotado pelo predicado nominalizado.

Deve-se destacar que o paradigma 2 não é exclusivo de predicados verbais, uma vez que podem ocorrer em nomes simples (não derivados) e em posposições. Portanto, sua realização nos exemplos acima não prejudica uma análise que considera tais construções nominais. Vejamos os exemplos abaixo em que os marcadores se realizam com nomes e posposições:

(63) <i>he=r-u</i>	1SG=C-pai	“meu pai”
<i>ure=r-u</i>	1PL.EXCL=C-pai	“nosso pai”
<i>zane=r-u</i>	1PL.INCL=C-pai	“nosso pai”
<i>ne=r-u</i>	2SG=C-pai	“teu pai”
<i>pe=r-u</i>	2PL=C-pai	“vosso pai”
(64) <i>o-ho he=r-upi</i>	3-ir 1SG=C-com	“ele veio comigo”
<i>o-ho ure=r-upi</i>	3-ir 1PL.EXCL=C-com	“ele veio conosco”
<i>o-ho zane=r-upi</i>	3-ir 1PL.INCL=C-com	“ele veio conosco”
<i>o-ho ne=r-upi</i>	3-ir 2SG=C-com	“ele veio contigo”
<i>o-ho pe=r-upi</i>	3-ir 2PL=C-com	“ele veio convosco”

A sexta evidência que demonstra o comportamento análogo entre objetos diretos e aplicados pode ser vista a partir de construções denominadas por Duarte, Camargos e Castro (2014, 2016) como antipassivas<sup>11</sup>. De acordo com os autores, a língua Tenetehára-Guajajára apresenta o morfema {*puru*-}, o qual ao juntar-se a predicados verbais transitivos, implementa mudanças morfossintáticas típicas de construções antipassivas. De modo geral, essa derivação resulta em uma estrutura em que o objeto do verbo transitivo deve ser licenciado por meio da posposição *-ehe*. Ademais, o sujeito do predicado deixa de acionar os marcadores pessoais do paradigma 1, exclusivo de sujeito de verbos transitivos, e passa a engatilhar os marcadores pessoais do paradigma 2. Por fim, outra propriedade presente nessas construções é o acionamento do sufixo {-*wer*}, o qual tem como propriedade denotar o aspecto desiderativo das estruturas antipassivas em Tenetehára-Guajajára. Duarte, Camargos e Castro (2014, p. 325-326) ilustram este fenômeno com o exemplo (62).

- (65) a. *u-pyhyk kwarer pira a'e*  
<sub>3</sub><sub>NOM</sub>-pegar menino peixe ele  
 “O menino pegou o peixe”
- b. *i-puru-pyhyk-wer kwarer pira r-ehe a'e*  
<sub>3</sub><sub>ABS</sub>-APASS-pegar-DESID menino peixe C-PSP ele  
 “O menino quer pegar o peixe”

Além de as construções antipassivas serem exclusivas de predicados transitivos, o fato que realmente nos interessa aqui é o paralelismo entre o objeto direto em (65b) e o objeto aplicado em (66b). Nos dois exemplos, os objetos recebem a posposição *-ehe*, sem a qual as sentenças seriam agramaticais.

11 “O termo antipassiva foi inicialmente proposto por Silverstein (1976) com a finalidade de indicar que essa construção é a imagem espelhada da voz passiva, da seguinte forma: na voz passiva, o constituinte suprimido ou demovido é o argumento externo, enquanto na voz antipassiva, o participante suprimido ou demovido é o argumento interno, o qual tende a ser o argumento que recebe o papel temático de paciente/afetado. Conforme Givón (1993), as vozes passiva e antipassiva se constituem em dois extremos na pragmática de destransitivização. Assim sendo, o autor postula que a versão antipassiva intransitivizada contrasta com a transitiva, já que permite que o objeto direto da transitiva seja demovido a oblíquo. Ademais, a principal diferença entre antipassiva e passiva é que, na passiva, o objeto direto é promovido a sujeito, enquanto, na antipassiva, o objeto direto é demovido a oblíquo” (DUARTE; CAMARGOS; CASTRO, 2014, p. 320).

- (66) a. *w-er-ur*    *awa*    *mokoz*    *tenaw*    *a'e*  
3-APPL-VIR    homem    dois    banco    3  
“O homem veio com os dois bancos”
- b. *i-pur-er-ur-wer*                      *awa*    *mokoz*    *tenaw*    *r-ehe*    *a'e*  
3-APASS-APPL-VIR-DESID    homem    dois    banco    C-PSP    3  
“O homem quer vir com os dois bancos”

De modo geral, nesta seção tivemos como objetivo mostrar que o objeto aplicado assume as mesmas funções e propriedades morfossintáticas do objeto direto, uma vez que podem (i) engatilhar no verbo os mesmos marcadores pronominais de objeto, (ii) participar do processo de incorporação e de alçamento de possuidor, (iii) ocupar a função sintática de sujeito nas construções reflexivas, (iv) assumir a função sintática de complemento nominal em contexto de nominalização de agente, (v) desempenhar a função de referente em contexto de nominalização de objeto, e, por fim, (vi) participar do mesmo processo sintático em construções antipassivas.

Há ainda outras estruturas sintáticas em Tenetehára-Guajajára que poderiam compor este compêndio de propriedades gramaticais compartilhadas entre objetos diretos e aplicados. De todo modo, os dados até aqui apresentados parecem mostrar que de fato há um forte paralelismo entre objeto direto e objeto aplicado nesta língua.

### **Considerações finais**

Este artigo teve por objetivo investigar as propriedades sintáticas das construções aplicativas na língua Tenetehára-Guajajára. Em termos descritivos, foi mostrado que o prefixo {*eru-*} se junta a verbos intransitivos – inacusativos e inergativos – para introduzir um objeto sintático com a função semântica de comitativo, assim como ocorre nas línguas Guarani e Tupinambá (VIEIRA, 2001, 2010) e possivelmente nas demais línguas Tupí-Guaraní.

Concordamos com Vieira (2001, 2010) de que de fato tais construções correspondem ao que Pylkkänen (2002, 2008) denomina como aplicativo alto, uma vez que os dados linguísticos até agora analisados mostram os seguintes comportamentos sintáticos em Tenetehára-Guajajára, a saber: (i) os aplicativos altos podem se combinar com verbos inergativos; (ii) não há relação de transferência de posse, como ocorre com aplicativos baixos; e, por fim, (iii) o objeto aplicado está relacionado ao evento denotado pelo verbo.

Ademais, ao examinar os demais processos sintáticos presentes na gramática do Tenetehára-Guajajára, foram apresentadas evidências de que o objeto aplicado apresenta as mesmas propriedades sintáticas do objeto direto. Tal paralelismo, a meu ver, só é possível porque verbos transitivos simples e transitivos aplicados, quanto aos seus objetos, são formalmente paralelos, exceto pelo fato de que os objetos diretos são introduzidos pelo verbo lexical, ao passo que os objetos aplicados são introduzidos pelo núcleo aplicativo alto.

Quanto às propriedades semânticas, foi mostrado ainda que as construções aplicativas parecem não impor qualquer tipo de restrição semântica a seus argumentos, uma vez que sujeitos e objetos aplicados podem ser [+animado], [+humano] e [-animado]. Quanto às classes semânticas, o morfema aplicativo pode coocorrer com verbos de movimento, de ação (inergativos e inacusativos), psicológicos, perceptivos e estáticos.

Deve-se destacar, por fim, que lamentavelmente não é possível verificar em Tenetehára-Guajajára se os objetos diretos e aplicados se interagem de forma simétrica ou assimétrica, uma vez que construções aplicativas nessa língua não resultam em derivações sintáticas com dois objetos – direto e aplicado – simultâneos. Pode-se afirmar, no entanto, que, embora o aplicativo alto para Pylkkänen (2002, 2008) não apresente restrições quanto à transitividade dos predicados verbais, razão que o torna compatível com verbos inergativos e transitivos, por exemplo, não é possível em Tenetehára-Guajajára a realização do morfema aplicativo alto {*eru-*} com verbos transitivos que resulte em construções com dois objetos, um direto e outro aplicado. Em trabalhos futuros, devemos investigar melhor a natureza desta restrição em Tenetehára-Guajajára.

### Abreviaturas

1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
ABL	caso ablativo
ABS	caso absoluto
APPL	aplicativo
ART	artigo
C	prefixo relacional de contiguidade
CAUS	causativo
CC	causativo-comitativo
C.COM	causativo-comitativo
COMPL	aspecto completivo
COND	modo condicional
CORR	correferencial
DEMS	demonstrativo
DESID	aspecto desiderativo
DIM	diminutivo
ERG	caso ergativo

EXCL	exclusivo
FUT	futuro
G	genérico
INCL	inclusivo
INTER	interrogativo
INTS	aspecto intensificador
LOC	locativo
MASC	masculino
N	caso nuclear
NC	prefixo relacional de não contiguidade
NML	nominalizador
NOM	caso nominativo
OBJ	objeto
PL	plural
PSP	posposição
PST	passado
R1	prefixo relacional de contiguidade
R2	prefixo relacional de não contiguidade
REFL	voz reflexiva
RLZ	aspecto realizado
sDO	objeto direto singular
SG	singular
sS	sujeito singular

### **Referências**

ALSINA, A.; MCHOMBO, S. A. Object asymmetries and the Chichewa applicative construction. In.: MCHOMBO, S. A. *Theoretical aspects of Bantu grammar*. Stanford: CSLI Publications, 1993. p. 17-45.

BAKER, M. Thematic conditions on syntactic structures: Evidence from locative applicatives. In. ROCA, I. *Thematic Structure: Its Role in Grammar*. New York: Foris Publications, 1992. p. 23-46.

BAKER, M. Theta theory and the syntax of applicative constructions in Chichewa. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 6, p. 353-389, 1988.

BARBOSA, A. L. *Curso de Tupi Antigo*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.

CAMARGOS, Q. F. A sintaxe e a morfologia das nominalizações na língua Tenetehára (Tupí-Guaraní). *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 12, p. 110-134, 2016.

CAMARGOS, Q. F. *Aplicativização, causativização e nominalização: uma análise unificada de estruturas argumentais em Tenetehára-Guajajara (Família Tupí-Guaraní)*. 2017. 255f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017a.

CAMARGOS, Q. F. *Estruturas causativas na língua Tenetehára: uma abordagem minimalista*. 2013. 187 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

CAMARGOS, Q. F. Exploring agreement displacement from the Internal to the External Argument in the Tenetehára language (Tupí-Guaraní Family). *Revista Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 252-268, 2017b.

CAMARGOS, Q. F.; CASTRO, R. C. Paralelismo entre DP e CP a partir das nominalizações na língua Tenetehára. *Revista da ANPOLL*, v. 34, p. 393-434, 2013.

CAMARGOS, Q. F.; CASTRO, R. C.; TESCARI-NETO, A. Partículas de Final de Sentença (PFS): uma análise cartográfica por fases sobre o sistema da língua Tenetehára. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, v. 14, p. 827-855, 2019.

CAMARGOS, Q. F.; CASTRO, R. C.; TESCARI-NETO, Aquiles. On the syntax of sentence final particles in Tenetehára. In: Annual Linguistics Conference at UGA, 5., 2018, Athens. *Proceedings* [...]. Athens: University of Georgia, 2018. p. 12-48.

CARDOSO, V. F. *Aspectos morfossintáticos da língua Kaiowá (Guarani)*. 2008. 267 f. Tese (Doutorado em Linguística) do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

CARVALHO, R. B.; GUAJAJÁRA, M. C. S. Notas sobre a voz causativa-comitativa em Kaiowá e Guajajara. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 10, n. 2, p. 335-345, 2018.

CASTRO, R. C. *Interface morfologia e sintaxe em Tenetehára*. 2007. 81 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

CASTRO, R. C. *Morfossintaxe Tenetehára (Tupí-Guarani)*. 2017. 205 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

CASTRO, R. C. O epifenômeno da alternância de valência na língua Tenetehára (Tupí-Guaraní).

*Revista da ANPOLL*, n. 34, p. 347-391, jan./jun. 2013.

DUARTE, F. B. *Análise gramatical das orações da Língua Tembé*. 85 f. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) do Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

DUARTE, F. B. *Estudos de morfossintaxe Tenetehára*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007a.

DUARTE, F. B. *Ordem dos constituintes e movimento em Tembé: minimalismo e anti-simetria*. 2003. 192 f. Tese (Doutorado em Linguística) do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

DUARTE, F. B.; CAMARGOS, Quesler F.; CASTRO, Ricardo C. Antipassive structure in Tenetehára (Tupí-Guarani family). *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 8, p. 61-82, 2016.

DUARTE, F. B.; CAMARGOS, Quesler F.; CASTRO, Ricardo C. Estruturas antipassivas em Tenetehára. *Revista Veredas*, Juiz de Fora, v. 18, p. 318-341, 2014.

DUARTE, F. B.; CASTRO, Ricardo C. Inergatividade, Estrutura Causativa e Incorporação Nominal em Tenetehára. In: CABRAL, Ana S. A. C.; RODRIGUES, Aryon D.; DUARTE, Fábio B. (Org.). *Línguas e Culturas Tupí*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2010. v. 2. p. 43-62.

GEORGALA, E. *Applicatives in their structural and thematic function: a minimalist account of multitransitivity*. 2012. 210 f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Cornell, Ithaca, 2012.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1993.

HARLEY, H. Possession and the double object construction. In.: ROORYCK, Johan. *Linguistic Variation Yearbook 2*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2002. p. 31-70

HARRIS, C. *Applicative structure in Wolof*. 2015. 185 f. Tese (Doutorado em Linguística), The University of Western Ontario, Ontario, 2015.

HARRISON, C.; HARRISON, C. *Dicionário Guajajara-Português*. Anápolis: SIL, 2013.

HEMMINGS, C. Causatives and Applicatives: The case for Polysemy in Javanese. *SOAS Working Papers in Linguistics*, v. 16, p. 167-194, 2013.

JENSEN, C. J. S. *O desenvolvimento histórico da língua Wayampi*. 1984. 183 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1984.

JEONG, Y. *The landscape of applicatives*. 2006. 214 f. Tese (Doutorado em Linguística),

University of Maryland, Maryland, 2006.

JERRO, K. The locative applicative and the semantics of verb class in Kinyarwanda. In.: PAYNE, D. L.; PACCHIAROTTI, S.; BOSIRE, M. (eds.). *Diversity in African languages*. Berlin: Language Science Press, 2016. p. 289-309.

KIMENYI, A. *A Relational Grammar of Kinyarwanda*. Berkley: University of California Press, 1980.

LOPES, J. D. Esboço da morfologia da língua Suruí-Aikewára, com base no clássico trabalho de Rodrigues “A estrutura do Tupinambá”. *Fragmentum*, Santa Maria, n. 46, p. 137-161, jul./dez. 2015.

MARANTZ, A. Implications of asymmetries in double object constructions. In.: MCHOMBO, S. A. *Theoretical aspects of Bantu grammar*. Stanford: CSLI Publications, 1993. p. 113-151.

MCHOMBO, S. A. A Formal Analysis of the Stative Construction in Bantu. *Journal of African Languages and Linguistics*, v. 14, p. 5-28, 1993.

NGONYANI, D. Properties of applied objects in Kiswahili and Kinendeule. *Studies in African Linguistics*, v. 27, p. 67-95, 1998.

NGUNGA, A.; SIMBINE, M. C. *Gramática descritiva da língua Changana*. Maputo: UEM, 2012.

NIE, Y. Raising applicatives and possessors in Tagalog. *Glossa: a journal of general linguistics*, v. 4, n. 1, p. 1-30, 2019.

ORO WARAM XIJEIN, M.; APONTES, S. A.; CAMARGOS, Q. F. Processos de aumento e de diminuição de valência verbal em Oro Wari’ (Wari/Pacaa Nova, Txapakura). *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 10, n. 2, p. 201-236, 2018.

OYHARÇABAL, B. Basque ditransitives. In.: DUGUINE, M.; HUIDOBRO, S.; MADARIAGA, N. *Argument structure and syntactic relations: A cross-linguistic perspective*. Philadelphia: John Benjamins, 2010. p. 233-260.

PAUL, W.; WHITMAN, J. Applicative structure and Mandarin ditransitives. In.: In.: DUGUINE, M.; HUIDOBRO, S.; MADARIAGA, N. *Argument structure and syntactic relations: A cross-linguistic perspective*. Philadelphia: John Benjamins, 2010. p. 261-282.

PAYNE, T. *Describing morphosyntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PETERSON, D. A. *Applicative constructions*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

PRAÇA, W. N. *Morfossintaxe da língua Tapirapé (Família Tupí-Guarani)*. 2007. 282 f. Tese (Doutorado em Linguística) do Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PYLKKÄNEN, L. *Introducing Arguments*. 2002. 137 f. Tese (Doutorado em Linguística), Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2002.

PYLKKÄNEN, L. *Introducing Arguments*. Cambridge: MIT Press, 2008.

RODRIGUES, A. D. Morfologia do verbo Tupi. *Letras*, v. 1, p. 121-152, 1953.

SEKI, L. *Gramática do Kamaiurá: língua Tupí-Guaraní do Alto Xingu*. Campinas: UNICAMP; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

SILVA, T. F. *História da língua Tenetehára: contribuição aos estudos histórico-comparativos sobre a diversificação da família lingüística Tupi-Guarani do Tronco Tupi*. 2010. 1145 f. Tese (Doutorado em Linguística) do Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SILVERSTEIN, M. Hierarchy of features and ergativity. In: DIXON, R. M. W. (Org.). *Grammatical categories in Australian languages*. New Jersey: Humanities Press, 1976. p. 112-171.

SOLANO, E. J. B. *Descrição gramatical da língua Araweté*. 2009. 519 f. Tese (Doutorado em Linguística) do Instituto de Letras, Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2009.

TIGĂŪ, A. A Higher Applicative: the case of the Romanian Ethical Dative. *RRL*, v. 63, n. 4, p. 361-378, 2018.

TORRES MORAIS, M. A. C. R. Argumentos dativos: um cenário para o núcleo aplicativo no português europeu. *Revista da ABRALIN*, v. 5, p. 239-266, 2006.

VIEIRA, M. M. D. A natureza das sentenças possessivas em Mbyá-Guarani. In: QUEIXALÓS, F. (Org.). *Des noms et de verbs en Tupi-Guarani: état de la question*. Munique: LINCOM EUROPA, 2001.

VIEIRA, M. M. D. Os núcleos aplicativos e as línguas indígenas brasileiras. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 141-164, 2010.

VIEIRA, M. M. D. Os núcleos aplicativos em Paumarí (família Arawá). *Estudos da Língua(gem)*, v. 4, n. 2, p. 117-136, 2006.

WILLETT, T. L. Advancements to Direct Object in Southeastern Tepehuan. *Work Papers of the Summer Institute of Linguistics, University of North Dakota*, v. 25, p. 59-74, 1981.